

BENJAMIN PERCY

LOA
VERMELHA



*Para Lisa, a chefe,
e
para minha mãe*

Percebi que estamos todos com a peste, e minha paz se foi.

– ALBERT CAMUS, *A peste*

E não quero mais saber o que é certo e o que é errado

Porque minha pele virou pelo.

É, e meus pensamentos com certeza

Viraram instinto e obediência a Deus.

– BLITZEN TRAPPER, “Furr”

PARTE I



CAPÍTULO 1

Ele não consegue dormir. Durante a noite inteira, mesmo de olhos fechados, Patrick Gamble fica vendo os números vermelhos do relógio avançarem – 2:00, 3:30, 4:10, 4:30 – e levanta-se antes de o despertador tocar. Acende a luz e veste a calça jeans e a camiseta preta dobradas uma por cima da outra, prontas para aquele instante, o instante que ele passou os últimos dois meses temendo. A mala está aberta no chão. Ele joga a nécessaire lá dentro depois de cambaleiar pelo corredor até o banheiro para esfregar um desodorante em bastão nas axilas e escovar os dentes, enchendo a boca com espuma de creme dental sabor hortelã.

Fica em pé junto à mala e aguarda, como se desejar com força suficiente pudesse fazer suas esperanças virarem realidade, aguarda até sua esperança inflada murchar, até sentir a presença do pai na soleira do quarto e se virar para olhá-lo quando ele diz:

– Está na hora.

Não vai chorar. Foi o pai quem lhe ensinou isso, a não chorar, e se o pranto for inevitável, ele terá que disfarçar. Fecha o zíper da mala, coloca-a de pé e se olha no espelho do armário – maxilar escurecido pelas costeletas de alguns dias, os olhos tão roxos de insônia que parecem flores já murchas – antes de atravessar o corredor até a sala onde o pai o espera.

A picafe já está ligada em frente à casa. O ar recende a pinheiro e cano de descarga. A luz do sol já começou a despontar no céu noturno, mas não passa de um brilho débil, uma falsa aurora. As rodinhas da mala escavam sulcos no chão de cascalho e seu peso obriga Patrick a usar as duas mãos para arrastá-la. O pai tenta ajudá-lo e ele afirma:

– Não precisa. – Ergue a mala até a caçamba do carro.

– Desculpa – fala o pai, e a palavra fica suspensa no ar até Patrick fechar a traseira com força.

Ambos sobem na picafe e, sobre o banco do carona, Patrick encontra um sanduíche de pão torrado com manteiga de amendoim envolto em papel-toalha, mas seu estômago está sensível e ele não consegue dar mais do que uma mordida.

Os dois seguem pela longa trilha de cascalho, com os faróis lançando sombras sinuosas pelo túnel de árvores. A princípio, se encontram sozinhos em uma estrada rural de condado, porém são logo cercados pelo tráfego da Interestadual 580 e seguem rumo ao sul, na direção de São Francisco. Metade do céu está re-

pleta de estrelas, o resto obscurecido por nuvens pretas feito fuligem nas quais às vezes pulsa o fio dourado de um relâmpago.

- Tomara que o tempo abra e o avião decole sem problemas – diz o pai.
- É, tomara.
- Está com o telefone do Neal?
- Estou.
- Se as coisas com a sua mãe ficarem esquisitas...
- Sim.
- Não acho que vão ficar, mas, se ficarem, ele mora a três horas de carro.
- Eu sei.

O céu clareia até adquirir um tom de ameixa e, ao ver o sol, as estrelas e as nuvens se digladiarem no céu, Patrick pensa que é assim que as coisas são por ali, divididas igual à paisagem – oceano e floresta, deserto e cidade, nuvens, sol e névoa – como se fossem vários mundos esmagados em um só.

O sol ainda leva mais uma hora para surgir no horizonte, e seus olhos doem ao fitá-lo. O pai segura o volante como se fosse necessária muita força para controlá-lo. Nenhum dos dois diz nada, pois não há nada a dizer. Tudo já foi dito. Patrick não quer ir, mas isso é irrelevante considerando que deve ir. O mesmo vale para o pai. Ambos são obrigados.



O céu está congestionado de nuvens. Chuvisca. Gaivotas grasnam. A neblina oculta a baía. Não muito longe, os morros castanhos são apenas uma presença enevoadada e o barulho do tráfego não passa de um vago rosnar dos carros que saem da rodovia para adentrar ruas de acesso mais estreitas que conduzem a rampas de estacionamento, centros de locação de automóveis, terminais do aeroporto. Um deles, um sedã preto com uma grade prata na dianteira, mergulha no subsolo em direção à área de desembarque do Aeroporto Internacional de São Francisco, mas não para onde os outros param, não encosta no meio-fio, não abre o porta-malas nem acende o pisca-alerta. O carro passa pelos outros, dobra a esquina e vai até uma curva na rua margeada por muros de concreto, onde diminui a velocidade o suficiente para a porta se abrir e um homem saltar e se afastar sem se despedir nem olhar para trás.

Um minuto depois, o homem passa sob a placa que informa **TERMINAL** com um leve sorriso nos lábios. Parece um executivo a caminho de fechar um negócio. Carrega a típica pasta de couro preta com fechos prateados. Seus sapatos

oxford da Nunn Bush foram encerados até ficarem com um brilho cor de opala. Usa terno grafite bem-passado, camisa branca engomada e uma gravata vermelha. Alguns fios grisalhos aparecem nos cabelos repartidos com esmero para um dos lados e escurecidos por gel até ficarem da cor do carvão. Ele é como centenas de outros homens no aeroporto naquela manhã. Seu rosto não tem nada de destacado.

Quem olhar com mais atenção, porém, talvez repare nas bochechas pálidas, no pescoço irritado e coberto de casquinhas de ferida onde antes havia uma barba, raspada na noite anterior. Quem sabe note os nós dos dedos esbranquiçados tamanha a força com que ele segura a pasta? Ou a vermelhidão nos cantos dos olhos após uma noite insone. Talvez perceba também o maxilar contraído, os músculos tesos a latejar.

Essa é a hora mais movimentada do dia, quando os seguranças, comissários de bordo e outros passageiros menos reparam no que acontece à sua volta e o aeroporto é um borrão de corpos, um carnaval de sons. O sensor de movimento acima da entrada pisca, a porta dupla automática se abre e o homem adentra a área de restituição de bagagens. Há um grupo de turistas japoneses vestidos com conjuntos esportivos verde-néon. Um homem obeso que mal cabe na cadeira de rodas. Um casal de ar exaurido arrastando atrás de si crianças de rosto avermelhado e mochilas abarrotadas. Um velho de blusão cinza e sapatos com fecho de velcro que pergunta “Como foi que esse bicho entrou aqui?” com a cabeça inclinada para trás e os olhos apertados, encarando as vigas metálicas do teto sobre as quais está pousado um corvo.

O homem passa por toda essa gente, sobe uma escada rolante, passa pelos guichês de passagens e vai até o controle de segurança. Seu corpo permanece tenso, levando-a à frente, e os olhos não se fixam em nada nem por um instante, com aflição. Ele leva a mão ao bolso da frente do paletó, do qual o cartão de embarque impresso na noite anterior desponta como um lenço bem dobrado, como para se assegurar de que o papel de fato está ali.

O segurança, de cabelos cortados à escovinha e corpo robusto, mal ergue os olhos ao examinar a carteira de habilitação do homem com uma lanterninha de luz halógena e em seguida rubricar o cartão de embarque. Então lhe devolve os dois.

– Tudo certo – aprova.

– Obrigado.

A fila está grande, mas avança depressa pelo labirinto de cordões pretos. Ao passar pelo detector de metais, o homem fecha os olhos e prende a respiração. O segurança acena para ele prosseguir.

– Pode ir.

Instantes depois, o aparelho de raios X cospe sua bandeja e ele recolhe os sapatos, a pasta, a carteira e o relógio de prata, que confere de relance enquanto prende ao pulso: o embarque é dali a quarenta minutos.

Ele não comeu nada ainda e sente o estômago contraído devido à acidez. Porém, o cheiro de fast-food, de salsicha e de ovo é demais para ele. A fome lhe toma o corpo. Ele pede um sanduíche e fica andando de um lado para o outro, esperando ficar pronto. O garçom chama seu nome e ele apanha o saquinho, abre-o com um rasgão e mal consegue respirar antes de enfiar o sanduíche na boca e devorá-lo. Lambe a gordura do papel e o amassa, formando uma bolinha que joga no lixo. Chupa os dedos. Limpa a mão na coxa sem se preocupar por estar sujando a calça e olha em volta, pensando se terá chamado a atenção de alguém. Ali perto, uma velha senhora – rosto de maçã ressequida, cabelos felpudos como um dente-de-leão – o observa sentada em uma cadeira de rodas, e sua boca aberta revela uma fileira de dentes amarelados.

– Que fome – comenta ela.

Ele acha seu portão de embarque e se posta junto à janela salpicada de chuva. Seu reflexo lembra um fantasma, e através dessa imagem ele observa a aeronave estacionada lá fora. Atrás dela, caminhões de abastecimento e carrinhos com bagagens passam chispando por cima de poças pretas que espirram água e tremulam o mundo ali refletido. Homens de colete laranja e verde fosforescentes por cima das capas de chuva jogam malas sobre uma esteira que sobe para as entranhas de um avião. Mais longe, um Boeing 747 dispara pela pista como uma bala gigante, ganhando cada vez mais velocidade, erguendo o nariz e em seguida o corpo inteiro até começar a subir e se descolar do asfalto. Então se perde em meio às nuvens e desaparece.

Ele olha várias vezes para o relógio. A gravata está apertada demais. O terno o deixa com calor. Ele quer tirar o paletó, mas pode sentir a camisa grudada na pele e sabe que o tecido estará manchado em alguns pontos e quase translúcido na base das costas, onde o suor parece se acumular. Usa o cartão de embarque para enxugar o suor da testa, borrando a tinta.

A funcionária da companhia aérea começa a falar no alto-falante e anuncia o número e o destino de seu voo: 373 para Portland, Oregon. A voz é metálica, ensaiada. Os passageiros da primeira classe podem embarcar, avisa ela, bem como os portadores de cartões fidelidade categoria ouro e prata. Ele confere as horas e o cartão de embarque pelo que parece ser a centésima vez naquela manhã. A decolagem está prevista para dali a vinte minutos e ele irá embarcar no

Grupo 2. Sente vontade de andar de um lado para o outro. Precisa se concentrar para continuar parado.

Mais alguns minutos transcorrem. Ele cogita se juntar ao aglomerado de pessoas em pé junto ao balcão da companhia esperando para embarcar, mas pensar em todos aqueles corpos, em seu calor e em seu cheiro o leva a permanecer sozinho junto ao vidro.

Passageiros com crianças pequenas e aqueles que necessitam de ajuda especial são convidados a embarcar. Em seguida chamam o Grupo 1. E, finalmente, o Grupo 2. Ele se encaminha depressa para o portão, mas no início não sabe direito aonde ir nem diferenciar quem está embarcando e quem está aguardando, ali em meio à massa confusa de pessoas e bagagens com rodinhas. Ninguém se mexe, como um muro de carne, e ele sente o ímpeto de empurrá-las, de jogar alguma coisa, mas consegue se conter, regularizar a respiração e contornar o grupo até encontrar os passageiros avançando lentamente em direção à funcionária, que passa os cartões de embarque em uma leitora com um sorriso vazio e repete obrigada, obrigada, obrigada.

Não reparou até então no pessoal de segurança extra junto ao *finger* do avião. Um homem e uma mulher, ambos de ombros largos e barrigas volumosas que transbordam dos uniformes. Estão examinando a fila. Esperando por ele, tem certeza. E dali a pouco, a qualquer instante, irão se precipitar para jogá-lo no chão e algemá-lo. Ele já está a poucos metros quando eles removem da fila uma mulher de chapéu molenga e vestido solto de estampa havaiana e se desculpa, alegando ser uma revista aleatória.

– Para sua segurança – afirmam.

Ele sorri para a funcionária no momento em que ela pega seu cartão.

– Obrigada – diz ela.

– Eu que agradeço.

Vai seguindo a fila irregular de passageiros, todos inclinados para um dos lados, sustentando nos ombros o peso de laptops, conforme avançam devagar para a goela do *finger*. Um vento frio e úmido sopra pelas frestas do túnel. Encharcado de suor, ele se arrepia.

– Tem medo de avião?

Uma voz de homem atrás dele. O sujeito é baixo e quadrado, tem cavanhaque e usa um boné e um blusão, ambos com o logo preto e laranja da Universidade Estadual de Oklahoma.

– Um pouco.

O *finger* dobra à esquerda e termina na porta aberta do avião. Uma das comissárias está em pé na área da cozinha logo depois da porta. Sorri para ele com os lábios bastante pintados.

– Bem-vindo a bordo.

Ele passa por ela, adentra o silêncio da cabine da primeira classe e, como todo mundo, caminha a passos sincopados pelo corredor. Os que já estão sentados viram as páginas de seus jornais com um farfalhar brusco. Os compartimentos de bagagem, todos abertos, parecem bocas escancaradas, prontas para engolir as bolsas de bebê e malas que os passageiros suspendem antes de se espremer até os assentos.

Ele não vai precisar da pasta. Não há nada lá dentro exceto canetas e um jornal do dia anterior. Guarda-a no compartimento e se acomoda em seu assento, o 13A. Mal tem tempo para erguer a proteção da janela e espiar lá fora quando o assento ao lado balança com o peso de um corpo que desaba.

– Olha eu aqui outra vez – anuncia o homem do cavanhaque.

Ele responde afivelando o cinto e o puxando para apertá-lo. Olha pela janela para o asfalto cheio de poças, para as pessoas que colocam as últimas bagagens na esteira, e torce para que o outro homem não diga mais nada.

Mas ele diz.

– Para onde você está indo?

– Portland.

– Ah, claro. Como todo mundo. É que eu não sabia se lá era seu destino final ou não.

– O destino final. – Ele tem dificuldade para formar as palavras, para travar qualquer tipo de conversa. Isso lhe parece irrelevante e dispersivo, pois sua cabeça parece estar em outro lugar, vinte minutos à frente do avião, já no céu. – É.

– A Cidade das Rosas. – O homem alonga a palavra *Rosas*. – Você é de lá?

– Não.

– Nem eu. Sou de Salém. – Ele assobia uma canção que se extingue instantes depois. Folheia a revista de bordo e o catálogo de vendas da SkyMall no bolso da poltrona à sua frente. – A propósito, meu nome é Troy.

Passageiros seguem cambaleando pelo corredor e, lá fora, jatos sobem e descem pela abóbada cinzenta, desaparecendo para surgir no minuto seguinte qual pássaros marinhos mergulhando à caça de alimento, com os rabos coloridos de vermelho, roxo e azul e os freios chiando na pista.

A porta dianteira do avião é fechada e trancada. A pressão do ar se intensifica. Seus ouvidos entopem. A comissária lhes dá as boas-vindas pelo sistema de som

e fornece algumas informações sobre o voo antes de iniciar um discurso ensaiado sobre cintos e a segurança dos passageiros. O homem faz força para ignorar o zumbido alegre de sua voz. Os dutos de ventilação sibilam. O motor ronca. A aeronave recua para longe do portão de embarque e em seguida avança, fazendo uma série de curvas a 45 graus até assumirem sua posição na pista e a voz do piloto bradar nos alto-falantes:

– Tripulação, preparar para a decolagem.

Quando o avião dispara e começa a ganhar velocidade, as gotas de chuva na janela põem-se a descer na diagonal e se transformam em rastros finos e tremeluzentes. Eles rugem pela pista até decolarem e, nesse primeiro instante de voo, apesar da gravidade que o gruda à poltrona, o homem se sente sem peso algum. Contempla a cidade enevoadada que se espalha lá embaixo. Nesse exato momento, em seus carros, pelas calçadas, pessoas olham para cima e observam aquele avião, pensa ele. Decerto se perguntam para onde ele está indo, quem está a bordo, que aventuras o futuro lhes reserva – e o fato de conhecer a resposta lhe dá uma sensação de poder tão grande que ele chega a ficar inebriado.

Troy se inclina para perto até seus ombros se tocarem.

– Não fique nervoso. Andar de avião é moleza. Eu ando sempre.

O homem se dá conta de que tem a boca aberta, a respiração acelerada. Trinca os dentes com um estalo. Pisca depressa.

– Está tudo bem.

– O negócio é o seguinte. Quase todos os acidentes de avião... Eu li isso, parece que é verdade, ou talvez tenha visto na TV... Bom, quase todos os acidentes acontecem quando o avião está decolando ou aterrissando. A decolagem, acho que se pode dizer, dura até a hora em que chegamos à altitude de cruzeiro. No momento em que isso acontecer, a comissária vai avisar que podemos usar os computadores. E vamos ouvir um bipe. – Ele faz a mão se abrir como uma flor ao falar *bipe*. – Aí você vai saber que está seguro. Estatisticamente, quero dizer.

Nos minutos que se seguem, o homem fita as nuvens que se enroscam ao redor do avião. Então, uma sineta suave soa acima.

– Pronto! – exclama Troy. – Estamos safos.

A comissária torna a falar no sistema de som e avisa que a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis aprovados já é permitida. Mas haverá turbulência pelos próximos trinta minutos e, portanto, ela pede a todos a gentileza de manterem os cintos afivelados e de só se levantarem em caso de absoluta necessidade.

O avião chacoalha. Ou talvez seja ele quem esteja tremendo. Parece se projetar para a frente, como se fosse arrancado do próprio corpo. O coração martela no

peito. O homem arqueja seguidamente. Troy está dizendo alguma coisa – sua boca se mexe – mas nada lhe é audível agora.

Seu cinto de segurança se desafivela com o mesmo ruído de um canivete de mola.



Patrick não deveria ter pedido a Coca grande. Porém, estava cansado, não bebe café porque tem gosto de terra, e a Coca grande custava só dez *cents* a mais do que a média... Então ele pensou “ah, que se dane”. A manhã merecia. Uma manhã *daquelas*. Seu pai o está abandonando, largando o emprego na cervejaria e indo embora para lutar em uma guerra, pois sua unidade foi ativada. E Patrick está abandonando o pai, a Califórnia, os amigos, o colégio, deixando para trás tudo o que definia sua vida, tudo o que o fazia ser *ele*. Embora sua vontade seja socar janelas, botar fogo em algum prédio ou bater com o carro em um muro de tijolos, precisa se manter relativamente tranquilo. Precisa dizer *que se dane*. Porque seu pai lhe pediu. “Eu não quero ir. E você também não quer ir. Mas nós dois temos que ir. E é só por doze meses”, explicou ele. “Considere isso umas férias. Uma oportunidade para conhecer sua mãe um pouco melhor.” Doze meses. É esse o tempo que vai durar a missão do pai. Patrick tem que entubar aquilo e aguentar firme até o fim.

Só que agora ele precisa mijar. E está sentado na janela. E não há jeito de passar discretamente pelas duas mulheres ao lado sem obrigá-las a fechar os computadores, se levantar, sem provocar um escarcéu danado e fazer todo mundo no avião erguer os olhos para ele, encará-lo e pensar “ah, aquele menino precisa fazer xixi”. E elas o imaginarão mijando quando ele se trancar no armário com cheiro de produto químico que faz as vezes de banheiro e lutar com o zíper da braguilha e tentar manter o equilíbrio e não se mijar todo enquanto a turbulência sacode o avião. Talvez dê para segurar. Ou talvez não: ainda faltam duas horas até Portland e a pressão é tão forte que a bexiga começa a latejar. Ele já está prestes a tocar o pulso da vizinha de assento, a lhe pedir licença, dizer que sente muito mas precisa se levantar, porém, duas fileiras à frente, um homem de terno grafite levanta-se da poltrona.

Está pálido, com o rosto coberto de suor. Seu corpo parece latejar, quase como se ele estivesse vibrando. Os cabelos meticulosamente penteados começam a se soltar em fios grisalhos que lhe caem pela testa. Patrick se pergunta se a turbulência o estará enjoando, se ele vai vomitar. O homem cambaleia pelo corredor,

abre a porta do banheiro com um safanão, entra e se fecha lá dentro com um baque.

Patrick solta um palavrão entre os dentes. Não apenas precisa esperar, mas justo um vomitão que vai deixar o espelho, a privada e a maçaneta todos emporcalhados. Ele se vira no assento a cada minuto para verificar o banheiro, torcendo para a porta abrir. Sempre que olha para lá, vê mais uma pessoa em pé no corredor, todas de braços cruzados e expressão pensativa, aguardando. Talvez devesse ir para lá também.

Ele desfaz o cinto de segurança e abre a boca, pronto para pedir licença e se levantar, quando um rosnado rascante vem dos fundos do avião. Com o estrondo das turbinas e o burburinho de tantas vozes, é difícil identificar o som. Será que o avião está com algum problema? Lembra-se de ter visto uma reportagem sobre quantas aeronaves estão com a manutenção atrasada e não deveriam sequer estar voando. Vai ver a turbulência soltou os parafusos que prendem a cauda do avião.

Um rosnado ecoa pela aeronave, um longo rugido gutural, e embora seja difícil identificá-lo, parece mais animal do que mecânico. Na cabine, tudo agora é silêncio, com exceção dos rangidos das poltronas quando as pessoas se viram para trás com uma expressão aflita.

Então a porta do banheiro se abre com um estrondo.

Um careca de casaco de moletom é o primeiro na fila do banheiro – e, portanto, o primeiro a morrer. A porta o empurra para trás. Ele teria caído não fosse o corredor estreito em que está. A parede o apara e o impede de recuar mais no momento em que a coisa sai do banheiro e se precipita como um espectro cinza, uma massa borrada de pelos, músculos e garras. Ela golpeia com um braço. O grito do careca se interrompe; sua garganta se rasga e é substituída por uma segunda boca vermelha. Ele leva as mãos ao pescoço, como se pudesse conter o sangue, que esguicha entre seus dedos. Como para compensar o súbito silêncio, os outros passageiros começam a gritar e todas as vozes se unem como uma sirene vacilante.

A criatura começa a avançar pelo corredor.

Patrick pensa em um gambá que seu pai capturou certa vez. Eles moravam em uma pequena fazenda ao norte de São Francisco, perto de Dogtown, 2 mil metros quadrados de pés de cenoura, tomate e amora, três cabras, colmeias, um galinheiro. Um dia, as galinhas começaram a cacarejar apavoradas. Seu pai chegou correndo e, ao varar a escuridão e o redemoinho de penas com a luz da lanterna, encontrou o chão coalhado de ovos quebrados e, no canto, uma galinha

agonizante à qual faltava uma asa e um naco do pescoço. Assim, eles resolveram armar uma arapuca, uma gaiola com a porta acionada por uma mola que se fechava sozinha. Como isca, usaram ovos cozidos e bananas passadas. Na noite seguinte pegaram o gambá. O bicho sibilava, andava de um lado para o outro e se atirava nas grades, mordendo-a com os dentinhos afiados e esticando uma das patas para riscar o ar com as garras. Patrick certa vez ouvira o professor de ciências dizer que os animais não sentiam como os seres humanos, mas tinha certeza de que ele estava errado. Aquele gambá sentia muita coisa. Sentia raiva e ódio. Queria matá-los pelo que tinham feito com ele. E mesmo sabendo que estava seguro, que a gaiola não iria ceder, que o pai logo enfiaria uma pistola por entre as grades e daria um tiro, Patrick manteve distância e se encolhia a cada vez que o gambá projetava o corpo contra as barras.

É claro que ele sabe o que a coisa é. Um licano. Passou a vida inteira ouvindo falar neles, leu sobre eles em romances, livros de história, jornais, viu-os em filmes e programas de TV. Mas nunca tinha visto um, não ao vivo. A transformação é proibida.

O licano se move tão depressa que Patrick quase não consegue distingui-lo ou gravar uma imagem; sabe apenas que se parece com um homem, só que coberto por uma penugem cinza parecida com o pelo do gambá. Seus dentes cintilam. A espuma de um assento rasgado transborda para fora como uma tripa de banha. O sangue espirra e tinge as janelas do avião, pinga do teto. Às vezes a coisa está de quatro, outras vezes equilibrada nas patas traseiras. É corcunda. Tem a cara dominada por um focinho achatado e dentes compridos e afiados como dedos magros, o sorriso ossudo de uma caveira. E as patas, imensas, ornadas por longas unhas, estão avidamente esticadas e rasgam o ar. O rosto de uma mulher é arrancado feito uma máscara. O intestino é removido de um ventre. Um pescoço é devorado até o osso em um beijo apavorante. Um menininho é puxado e arremessado contra a parede, fazendo silenciar seus gritos.

O avião balança. O piloto berra algo no sistema de som, mas sua voz se perde em meio aos gritos que enchem a cabine. Algumas pessoas choram. Outras rezam. Algumas sobem nas poltronas e abrem caminho aos empurrões corredor acima, onde se põem a bater na porta do cockpit com punhos, pés e ombros, desesperadas para entrar, para fugir do horror que avança em sua direção.

Patrick se lembra de um talk show a que assistira por acaso poucos dias antes. O entrevistador era um homem bonachão com cara de criança que discorria sobre os licanos, os protestos na capital e a situação na República. “Igualdade uma ova”, dizia, encarando a câmera com um olhar febril. “Não vá me dizer que

meu cachorro tem os mesmos direitos que eu. Quem tomou essas decisões foi a biologia, não eu.”

Seu pai pegou o controle remoto e desligou a televisão. “Esse cara me faz perder o apetite”, falou. Ele deu uma garfada no espaguete, mas, em vez de comê-lo, ficou girando-o até formar uma gororoba vermelha. Tinha o rosto pálido e inchado por causa de todas as injeções, vacinas temporárias que poderiam ajudar a evitar o contágio caso ele fosse mordido. Iria embora dali a poucos dias com sua unidade da região da baía de São Francisco, a 235ª Companhia de Engenheiros, primeiro ao Arsenal de Petaluma para uma semana de treinamento intensivo e depois ao exterior, para a República, onde o principal objetivo era liberar as estradas, remover e desativar as bombas dos acostamentos. As bombas caeiras haviam aumentado nos últimos tempos, assim como as emboscadas e os tiroteios. Os licanos lutavam tanto com armas quanto com as próprias garras; queriam que as forças americanas fossem embora, queriam seu país de volta. Já pronta, a mochila de seu pai aguardava junto à porta dos fundos, abarrotada e verde, fazendo Patrick pensar em um imenso intestino retirado da carcaça de um cervo.

A guerra era o motivo pelo qual aquilo estava acontecendo. Era por causa dela que ele se achava naquele avião e o licano destruía a aeronave. Patrick amaldiçoa a guerra, o licano e o próprio pai; deseja que ele estivesse ali naquele momento. O pai iria cerrar os punhos para lutar. Não iria se mijar de medo como Patrick, que sente o jeans quente e encharcado quando a Coca enfim sai, banhando as pernas e inundando os sapatos.

Os fundos do avião estão cobertos de sangue, que escorre de estranhos desenhos pintados nas paredes como pinturas rupestres. Há corpos caídos por toda parte em diversas posições, como um jardim de estátuas em ruínas. Até agora, a mulher ao lado de Patrick não se mexeu nem disse nada, congelada no próprio medo. Seu laptop continua aberto e uma das mãos ainda está sobre o teclado, pressionando com tanta força que uma palavra interminável, que ninguém jamais lerá, preenche o arquivo, fazendo a barra de rolagem descer continuamente. Quando o licano se aproxima de sua fileira, ela tenta se levantar, mas não consegue, presa pelo cinto. Choramanga enquanto o desafivela com gestos atabalhoados, levanta-se da poltrona e hesita no corredor, virando-se para arrancar o laptop de cima da mesinha. Nesse instante, a criatura se estica para a frente, agarra o computador e o usa para esmagar a cabeça da mulher, produzindo um *ploft* abafado e uma centelha fumegante. Pedacos de plástico chovem pelo chão. Fios ficam pendurados qual veias em volta do pescoço dela, onde ainda está presa

uma parte do monitor. O licano a puxa mais para perto como se fosse lhe dar um abraço e mergulha a cara triangular em seu pescoço.

Nesse instante, ouve-se um grito mais alto do que todos os outros. Um asiático – um dos comissários de bordo – vem subindo depressa o corredor; o massacre ao redor torna seus passos lentos e cambaleantes. Ele veio da cozinha dos fundos e segura em uma das mãos uma garrafa térmica fumegante e, na outra, um abridor de latas com um dente curvo e prateado.

O monstro joga a mulher para o lado na mesma hora em que o homem atira o café, formando um arco de líquido marrom. O corpo da mulher cai por cima de Patrick antes de ele conseguir ver o que está acontecendo, mas ele ouve o licano soltar um grito muito agudo e inconfundível de dor.

É arremessado contra a parede. Não empurra a mulher para longe. Deixa que ela caia por cima dele entre as poltronas, que o proteja como um escudo. O cheiro do perfume dela se mistura com o de seu sangue. É difícil ter certeza por causa da turbulência, mas seu corpo parece estremecer, e Patrick pensa que ela talvez ainda esteja viva. Dá-lhe um abraço apertado. Fecha os olhos e, nessa sua escuridão particular, tenta se imaginar de volta à própria cama, de volta à Califórnia, esperando o pai acordá-lo para lhe dizer que está na hora de ir. Queria poder tapar os ouvidos também, para não ouvir os gritos que prosseguem pela meia hora seguinte, a mais longa de toda sua vida.

CAPÍTULO 2

É agosto e já neva. Flocos grossos roçam sua janela pelo lado de fora. Ela está sentada diante da escrivaninha que o pai fabricou com uma velha cerejeira, os pés em forma de patas de animal gravados com uma pelagem ondulada e com garras na parte rente ao chão. O móvel não combina com o resto do quarto. A cama branca de baldaquino coberta por uma procissão de bichos de pelúcia, a penteadeira no mesmo feitio com trepadeiras desenhadas a estêncil nas gavetas e o tampo coberto por uma confusão de produtos de maquiagem e frascos de perfume. A estante bamba que afunda sob o peso de romances de fantasia e coleções de fábulas e contos de fadas. As pilhas de roupas malcheirosas, a manta laranja, as paredes roxas decoradas com cartazes do musical *Cats*, da banda Wilco e de *O mágico de Oz*. A cortiça decorada com fotos de reuniões de ex-alunos, um descanso de copo, um chaveiro de carinha amarela sorridente, tiras de quadrinhos

desbotadas, medalhas de atletismo e um velho enfeite de pulso em forma de rosa, presente de algum menino para quem ela não dava a mínima e que agora parece um coração ressequido.

Claire abre um catálogo universitário, um entre os mais de vinte empilhados em uma torre inclinada. Sua sensação é de já ter disparado centenas de e-mails para os departamentos de matrícula pedindo informações. Cursa o último ano do ensino médio e planeja sua fuga, atrás de algo que não seja o frio interminável, o peixe com batatas fritas da sexta-feira, a polca e as tabernas de paredes revestidas com painéis de pinho e telhados de aço que o norte do Wisconsin tem a oferecer.

Em um bloco vai anotando custos de anuidade, tamanhos de turmas, taxas de admissão, número de alunos, programas bem-avaliados e informações turísticas sobre cidades grandes e pequenas. Além, é claro, da distância que as separa de sua casa, um dos elementos mais importantes. Pouco lhe importa a avaliação do departamento de língua inglesa do Macalester College – se a instituição estava a 800 quilômetros de casa, não lhe interessava.

Não que ela venha de um lar desfeito ou de uma família sem amor. A mãe vive lhe dando bronca. O pai já lhe bateu – uma vez, pouco depois de ela aprender a andar – por ter saído de casa, atravessado o quintal e ido até a rua. Os dois vivem batendo boca por causa de política e raramente vão a outro lugar nas férias que não seja o complexo turístico de Wisconsin Dells. Tirando isso, ela é uma menina de sorte, mimada até. Sabe disso. Mas sabe também – desde que era criança, com a cara enterrada em um livro – que anseia por algo mais, quase como um gosto que lhe enche a boca e se espalha pelo corpo até a medula, até os espaços mais recônditos da alma. Aventura. Do tipo que não se encontra ali, naquela aldeia cercada de árvores onde os pinheiros são grossos, os lagos, cristalinos, e o queijo está sempre ao alcance da mão.

Palmeiras eram uma boa ideia. Ela se imagina lendo um livro de faculdade em uma praia de areia branquinha com um mar tão azul quanto as garrafas antigas que a mãe tem enfileiradas no peitoril do banheiro.

A luz do abajur imprime aos catálogos um tom dourado. Ela os folheia uma primeira vez por causa das fotos e então uma segunda para anotar informações, do mesmo jeito que algumas de suas amigas percorrem revistas de moda. Adora as fotografias. Os campanários, os caminhos de pedestre calçados de tijolo, os gramados banhados de sol. Celebidades falando para auditórios lotados. Bibliotecas de madeira escura com vitrais, por onde se filtra a luz. Meninos sem camisa com colares de cânhamo no pescoço jogando frisbee. Meninas enlameadas de

pescoço grosso correndo umas atrás das outras em campos de rúgbi. Alunos sentados à sombra de olmos com laptops e blocos abertos, e um professor de roupa esquisita e cabelos desgrenhados à frente. A visão daquelas fotos aquece seu ventre com uma sensação muito semelhante à fome.

Algumas instituições, observa, informam a porcentagem de licanos e mencionam grupos de apoio, alojamentos e grêmios masculinos e femininos, outras não. Em algum lugar de sua pilha há um catálogo da William Archer. Seus pais estudaram lá, e embora o pai não houvesse insistido para ela se candidatar, mencionara o assunto várias vezes ao falar da experiência incrível que tivera naquela faculdade, do programa de bolsas e da sensação de segurança e conforto quando se está cercado por semelhantes. “Especialmente nestes tempos tão difíceis”, concluiu ele.

Ela não está interessada. Já convive com licanos demais. Seus pais sempre organizam reuniões e festas, e a maioria das pessoas que participa delas é igual a eles: obcecadas, sempre batendo com o punho na palma da mão e falando com uma voz enfática, quase um lamento, sobre a forma injusta como os licanos são tratados, sobre como as tropas americanas continuam ocupando a República Lupina só para manter o controle das reservas de urânio. Sobre como as coisas *precisam* mudar. Ela entende. Entende mesmo. Mas eles são sempre de um esquerdismo tão virulento que ela às vezes sente vontade de objetar, de assinalar que a liderança da República na realidade *apoia* a participação americana na exploração de combustível e na manutenção da ordem e que apenas um grupo isolado de licanos extremistas parece incomodado com a ocupação – mas nunca se acha instruída o suficiente para abrir a boca e não quer deixá-los ainda mais exaltados.

Além disso, não se importaria em falar sobre outros assuntos também, como seu episódio favorito de *Buffy, a caça-vampiros*, o bafo de onça de Mike Romm ou como dá para ver a protuberância bem definida na frente da calça social do professor Bronson durante a aula de cálculo. Ou sobre qualquer outra coisa. Ela não gosta de ser o que é. Seus pais detestariam ouvi-la dizer isso, mas é verdade. A dualidade de sua condição às vezes a faz se sentir cindida ao meio, como se estivesse em guerra contra si mesma. A vida é mais fácil quando essa sua parte permanece adormecida, negligenciada.

E embora William Archer fique em Montana, perto de Missoula, e preencha o seu requisito dos 800 quilômetros, o campus fica no alto de um vale em forma de cuia cercado por montanhas e, pelo menos nos próximos quatro anos, ela não quer mais saber de frio. Lá fora, a neve delicada cai em flocos dançantes e seu olhar se fixa na imagem refletida na janela.

O vidro lhe dá um aspecto pálido, e ela sabe que o tom corado do rosto, o bronzeado que tanto se esforçou para pegar no verão – besuntando a pele com óleo de bebê enquanto cortava a grama, fazia esqui aquático em Loon Lake ou tomava sol nas pedras que circundam suas margens –, logo irá se desvanecer à medida que as nuvens se adensarem no céu e ela se transformar em uma múmia coberta de gorros, cachecóis e sobretudos para afugentar o vento que desce assobiando lá do Canadá.

Torna a pensar na praia, uma praia de areia branquinha. Está estendida sobre uma toalha vermelha que combina com o esmalte do pé e com as listras que riscam o biquíni verde. Sua barriga está queimada e lisa feito uma panqueca, o nariz salpicado com as sardas que o sol faz surgir. Ela deixou o livro de estudos de lado porque um homem – esbelto e musculoso, sem camisa, com uma farta cabeleira negra – vem em sua direção trazendo uma cesta de piquenique cheia de vinho, morangos e chocolate. É Raúl, seu namorado. Eles vão se conhecer na aula inaugural e transar pela primeira vez em uma rede amarrada em duas palmeiras. A pele dele terá sabor de sal e o seu sorriso será tão branco quanto a polpa de um coco.

Seu pai grita do andar de baixo para a televisão a que passou a maior parte do dia assistindo, e a areia branca do sonho se ergue em um redemoinho cintilante até ser substituída pela neve branca que passa roçando a vidraça.

Mais cedo nesse dia, ela encontrou a amiga Stacey na Starbucks, e depois as duas foram a pé até o parque, onde tomaram seus cafés favoritos sentadas nos balanços, sacudindo as pernas sem convicção e raspando o cascalho do chão com a sola dos tênis. A frente fria começava a chegar, o céu de um cinza revoltado escondia o sol e os balanços à sua volta começavam a estalar como se estivessem vivos ou habitados por fantasmas.

– Não é justo – reclamou ela. – Nossos últimos dias de verão... Estão nos passando a perna.

Quando voltou para casa, com o nariz vermelho e escorrendo por causa do frio, encontrou a mãe sentada no sofá e o pai andando de um lado para o outro em frente à lareira onde o fogo crepitava e cuspiam fagulhas. Pôde ver que havia interrompido uma conversa. Ambos olharam para ela, o pai com a boca aberta e a mão erguida no meio de um gesto. As chamas estalaram e se inclinaram por causa do vento, depois se endireitaram, sinuosas, no momento em que ela fechou a porta.

– O que houve? – perguntou ela.

Sua mãe é ossuda e tem um rosto retangular emoldurado por cabelos curtos que já estão ficando grisalhos. Nessa manhã, vestia jeans e um moletom vermelho de capuz. Suas pernas cruzadas se moviam como uma tesoura.

– Aconteceu uma coisa – disse ela, e olhou para o marido, esperando que ele explicasse.

O pai de Claire às vezes não parecia combinar muito com a esposa: grandalhão, sempre em movimento e aos gritos, às vezes em tom de raiva, em geral com um entusiasmo pontuado por uma risada rouca. É um homem de constituição robusta, ombros largos e barriga proeminente, mas com um rosto bondoso que parece o de uma criança, só que vincado nas bordas como uma foto perdida no fundo de uma gaveta. Carpinteiro, trabalha por conta própria: sua oficina fica nos fundos da garagem; vive com as unhas machucadas e os cabelos cheios de serragem, como se fosse caspa.

Com uma voz roufenha e falhada, ele lhe contou sobre os atentados. Três aviões. Um deles caíra nos arredores de Denver, deixando uma mancha de fogo em um trigal. Os outros dois haviam conseguido aterrissar, em Portland e Boston, respectivamente, com os pilotos trancados e seguros no cockpit, mas apenas um passageiro ainda vivo, no voo 373, um adolescente ainda não identificado. Ninguém sabia muito além disso.

Seus pais a levaram para a cozinha, onde a televisão estava ligada sem som com as mesmas imagens se repetindo vezes sem conta: o plano distante de um avião estacionado na pista e cercado por veículos de emergência com as luzes piscando. A faixa vermelha na parte inferior da tela informava que todos os voos do país tinham sido suspensos, que uma célula terrorista de lícanos era considerada responsável pelos atentados e que o presidente havia prometido uma reação rápida e severa.

Os pais a ladeavam, examinando-a à espera de uma reação.

Ela entendia o quanto aquilo era horrível, porém os fatos lhe pareciam muito distantes, irreais, como um filme ou o pesadelo alheio, e ela achou difícil processá-los. Tudo o que conseguiu dizer foi “Que horror”, como um ator que ensaia uma fala. O semblante do pai se endureceu. Ele já lhe dissera – quando ela comentara que não queria visitar o avô em um asilo – que ela não sabia o que era empatia. “Típica adolescente”, falara, e Claire o detestara por isso.

Pôde ver que o pai pensava o mesmo agora. Um rubor subiu pelo pescoço dele feito uma alergia.

– Por que vocês estão tão abalados? – indagou ela. – Quer dizer, eu entendo... É um horror essas pessoas terem morrido... mas vocês estão agindo como se as tivessem matado, sei lá.

Os pais trocaram um olhar que ela não soube interpretar.

Ela se recolheu ao quarto pelo resto da tarde e gritou lá para baixo apenas uma vez, debruçada no corrimão da escada, perguntando à mãe se ela afinal de contas ia fazer o jantar. A mãe respondeu tão baixinho que Claire mal escutou a resposta:

– Estou sem fome.

Ouviu o barulho da televisão algumas vezes e, quando ela silenciava, a voz do pai falando ao telefone em sussurros ásperos.

Pouco antes, o pai fora até seu quarto. Em geral, ele simplesmente entrava direto e dizia “Oi, oi”, mas nessa noite bateu e aguardou.

Ela abriu apenas uma fresta da porta e questionou, com a mão na maçaneta:

– Que foi?

Seu pai deu um passo à frente, em seguida pensou melhor e recuou, pigarreou e perguntou se podia entrar. Queria conversar com ela sobre um assunto.

Ela suspirou e caiu sentada na cama, e ele andou pelo quarto como quem tenta decidir onde sentar antes de se acomodar a seu lado, fazendo o colchão afundar mais alguns centímetros com o peso e levando-a a se inclinar na sua direção. Estava com uma expressão pensativa e segurava com dois dedos um envelope branco que lhe estendeu.

– O que é isso?

– Eu não sei o que vai acontecer. Talvez nada. Mas, se alguma coisa acontecer, eu quero que você abra isto.

Ela deixou escapar um suspiro.

– Deixa de ser dramático.

Pegou o envelope e o atirou longe, e o papel rodopiou até sua escrivaninha como um pássaro com a asa partida. O pai não desgrudou os olhos do objeto. Não conseguia encarar a filha. Ela reparou em uma lasca de madeira emaranhada em seus cabelos acima da orelha e a removeu, e ele tocou distraidamente o local remexido.

– Pai – chamou ela.

– Ahn?

Ela não conseguia acreditar que alguém fosse lhes dar importância. Eles eram uma família chata. Moravam num fim de mundo. Não tinham feito mal a ninguém.

– Você acha que eles vão pôr todos os licanos do país na cadeia? Isso não tem nada a ver com a gente.

O pai abriu as mãos e as fitou como se a resposta pudesse estar nas linhas grosseiras das palmas.

– Tem coisas que você não sabe.

– Que papo é esse?

Ele sorriu com tristeza, passou um braço à sua volta e a puxou mais para perto. O nariz dela se encheu com cheiro de seiva e loção pós-barba.

– Eu provavelmente estou me preocupando sem motivo. Mas é melhor prevenir do que remediar.

A mãe chamou do andar de baixo:

– Howard? Seu celular está vibrando.

– Tá bom! – gritou ele. – Já vou!

Levantou-se, e a cama retomou o formato original com um rangido aliviado do colchão de molas. Ele foi até a escrivaninha, pousou um dos dedos de ponta quadrada sobre o envelope e deu duas batidas.

– Faz o que eu pedi, tá?

– Tá.

Claire empurra os catálogos universitários de lado, franze os lábios e pega o envelope, vira-o e testa seu peso com a ponta dos dedos. Não sabe se ele contém dinheiro. Ou uma carta. Ou as duas coisas. Não sabe quando deve abri-lo, agora mesmo ou não. Como irá saber?

Tampouco sabe o que está acontecendo lá fora nesse mesmo instante, quando furgões blindados e sedãs pretos com placas do governo surgem no final do quarteirão com os faróis apagados. Ela mora em um bairro com muito verde e todas as casas ficam recuadas, em um terreno de 2 mil metros quadrados. Não há postes nem calçadas. Os veículos param com um ronronar. As portas se abrem mas não se fecham. Qualquer barulho que pudesse ter atraído Claire até a janela – os passos das botas no asfalto, o retinir metálico dos fuzis de assalto e dos pentes de munição – é abafado pela neve que não para de cair, um sudário branco a recobrir a noite.

Ela não conhece o Homem Alto, de terno e gravata pretos, crânio calvo feito uma pedra, em pé junto a uma limusine preta. Não sabe que ele está com as mãos enfiadas nos bolsos, nem que a neve derrete em seu couro cabeludo e pinga por seu rosto, nem que ele exhibe um pequeno sorriso.

Não sabe que o pai e a mãe estão sentados à mesa da cozinha diante de uma garrafa de Merlot já pela metade, não propriamente segurando mas espremendo a mão um do outro para se reconfortar ao assistirem na CNN à cobertura do que o presidente qualificou de “atentado terrorista orquestrado cujo alvo era o coração dos Estados Unidos”.

Portanto, ela não sabe que, quando a porta da frente é aberta com um chute, arrebatando as dobradiças, seu pai está segurando o controle remoto, comprimido e preto, que poderia ser confundido com uma arma.

Não sabe que ele se levanta tão depressa que a cadeira cai para trás e desaba no chão com estardalhaço, que ele grita “Não” e estende a mão que ainda segura o controle remoto, e o aponta para os homens que entram correndo pela porta, pelo retângulo escuro da noite, com a neve a esvoaçar à sua volta feito confete molhado.

Tudo o que ela sabe – ao ouvir o barulho da porta sendo derrubada, os gritos e os tiros – é que deve fugir.

Ela se transformou poucas vezes. Não por ser proibido, não porque poderia ser presa, mas porque não gosta de como isso a faz se sentir. Tão grotescamente *alterada*. E depois dolorida por vários dias, com a súbita transformação do corpo parecendo as dores de crescimento que fazem as crianças se remexerem sob os lençóis e chorarem durante a noite. Mas os pais algumas vezes insistiram para que ela o fizesse, nas ocasiões em que a levaram ao Canadá. Retiros da lua cheia, era como chamavam.

Agora pode sentir o cheiro dos homens: desodorante e loção pós-barba, cigarros e chiclete. Lubrificante de armas. A pólvora dos tiros. Pode ouvir sua respiração rascante, as vozes que gritam “Liberado!” de vários cantos da casa. Pode sentir seus passos ribombarem escada acima, em sua direção.

Sente uma coceira terrível na pele, como se nela estivessem se abrindo as crateras de uma colmeia, e então os pelos brotam de uma vez só. Suas gengivas recuam e os dentes crescem e se amontoam em uma boca que ainda não é grande o suficiente para eles. Seus ossos se alongam, curvam-se e estalam, e ela uiva de dor como se estivesse parindo, um corpo saindo de outro. Ela sempre chora. Lágrimas de sangue. Dessa vez, as lágrimas e os lamentos são causados pela dor, mas também pela consciência cada vez mais nítida de que tudo, em um só instante, mudou.

Mas são pensamentos passageiros. O lobo que existe dentro dela não tem tempo para eles. Sua mente se concentra em um único foco. O mais impor-

tante é sobreviver. Nada mais existe, nem amor nem tristeza, nem medo nem preocupação, apenas a adrenalina que percorre seu corpo e a faz saltar em direção à janela, em direção ao reflexo que mal consegue reconhecer, corcunda e deformado, maior a cada segundo. Ela rompe os limites da janela e de si mesma.

O vidro se espatifa e os cacos a ferem. Não há telhado por cima do qual correr, nem treliça ou calha pelos quais descer. Tudo que existe é o breu da noite, o vazio do ar pelo qual ela despenca, virando-se e revirando-se enquanto o vento guincha nos ouvidos e o chão se aproxima depressa em sua direção. Cacos misturados com neve cintilam à toda sua volta.

Há 5 centímetros de neve acumulada no chão, mas isso não basta para aparar a queda do primeiro andar. Ela aterrissa de quatro, rola e cai para a frente, escorregando pelo curto gramado e fazendo na neve um sulco irregular que revela a grama verde mais abaixo. Uma árvore esmurra seu peito feito um martelo. Ela fica sem ar. O pulso arde como se tivesse sido transpassado por um maçarico aceso. O vidro a corta. Por um segundo, a noite parece se fechar ao redor – e então ela inspira, arquejando.

Sua janela projeta um quadrado de luz entrecortado por triângulos e hexágonos de amarelo e laranja que ilumina seu corpo, mas a fonte de luz escurece no instante seguinte quando os homens adentram seu quarto para persegui-la.

Ela tenta ignorar a dor, levanta-se com um pulo e vê o Homem Alto de terno preto. A uns 20 metros de distância, ele a observa com a cabeça inclinada de um jeito curioso e depois começa a andar e em seguida a correr, rasgando o ar com os braços compridos, na sua direção.

Ela abandona aquele local, o seu lar, e salta para o meio das árvores. A neve rodopia. É como se ela estivesse entrando em uma nuvem de bordas vaporosas que se adensa até se transformar em um emaranhado de algodão no qual às vezes surgem janelas que reluzem feito raios globulares e florestas de pinheiros altos escuros como nuvens de tempestade. É para esse abrigo que ela corre.

CAPÍTULO 3

Miriam acorda cedo, veste a calça jeans e uma blusa térmica e vai até a janela da sala. Seus cabelos são pretos e cortados no mesmo formato irregular das asas de um corvo. O rosto tem ângulos tão agudos quanto o corpo,

como se houvesse sido afiado para cortar coisas. Seus 40 anos só são evidentes na dureza da expressão. À meia-luz, os altos e grossos abetos-de-douglas ondulam, vergam-se e rangem com o vento. As frestas em volta das janelas e da porta da frente emitem os ruídos ocos que se emite ao soprar no gargalo de uma garrafa.

Ao lado do chalé, há uma pequena clareira em forma de meia-lua: arbustos de flores roxas e vermelhas, musgo e pedra. Sua caminhonete, uma velha Ramcharger preta e prata, está parada no acesso de cimento que atravessa a clareira e entra na floresta. Uma pessoa levaria menos de um minuto para correr das árvores até sua varanda da frente, e ela mantém os olhos atentos às sombras que os separam.

Há algo lá fora. Miriam sente isso da mesma forma que as minhocas e os sapos sentem a aproximação de uma tempestade, quando a mudança na pressão do ar os faz rastejar até a superfície das tocas enlameadas. Não estaria viva hoje não fossem seus sentidos aguçados, sua capacidade de *saber*. Tem os olhos estreitados, e suas orelhas parecem inclinadas para a frente.

Dez minutos transcorrem assim, e então a manhã começa a se insinuar. Miriam se afasta da janela e vai até a cozinha para fazer um café. Se algo for mesmo aparecer, é melhor ela estar acordada para recebê-lo.

Não acende a luz ao entrar na cozinha. Já é suficiente a única janela, que se abre para a floresta, ali bem mais próxima da casa, com os troncos brancos dos choupos-do-canadá qual dentes a sorrir do outro lado da vidraça. Uma bancada em L margeia o cômodo; a fórmica cinza sarapintada imita granito. A superfície é interrompida por um fogão de quatro bocas e uma pia funda ao lado da qual está posicionada a cafeteira. Miriam mói os grãos e mede a água e, enquanto a cafeteira gorgoleja e estala, abre a gaveta de talheres e, atrás das facas e garfos, pega uma Glock 21, uma das várias armas escondidas pelo chalé, pistola calibre 45 com treze balas de ponta oca carregadas no pente.

Enfia a pistola no cós da calça junto à base das costas. O sol está nascendo e as sombras se afastam do chalé e recuam para os cantos no momento em que ela enche a caneca e volta para a sala. Estaca tão subitamente que o café transborda e lhe queima os dedos. A porta da frente tem uma janela oval de vidro fosco agora escurecida pela forma do que poderia ser um menino ou um homem, tão pequena é a sombra.

O vento sopra. O café fumeja. Miriam pousa a caneca sobre uma mesinha lateral e atravessa a sala em direção à porta, pisando devagar para não fazer ranger o piso de tábuas largas. Estende a mão para a maçaneta e uma faísca azul

de estática a atinge ao tocá-la. Ela não abre o trinco nem gira a maçaneta, mas permanece com a mão apoiada ali e se encosta na porta como para bloqueá-la.

– Me deixa em paz, Puck – diz com uma voz alta o suficiente para atravessar o vidro.

A sombra não responde.

– Eu não quero participar disso.

– A gente precisa de você. – Miriam sempre odiou sua voz, irregular e aguda como a de uma flauta malfeita. – Abre a porta.

– Vai embora. Me deixa em paz, porra.

– A gente precisa de você. – O vento ganha força. Ela o sente respirar em volta da porta, talvez já com um sabor de neve, pois o inverno chega bem mais cedo a 1.500 metros de altura. – A gente quer você.

Miriam articula em silêncio a expressão *puta que pariu*. Bate com a testa de leve na parede, abre o trinco e escancara a porta. Um vento frio a rodeia. Seus cabelos se erguem dos ombros e atrás dela as páginas de um jornal sobre a mesa de centro esvoaçam.

Um homem está de pé na varanda, baixo e musculoso, pés bem separados e mãos caídas junto ao corpo. Usa uma camiseta preta justa para dentro de um jeans escuro. Os cabelos oxigenados, quase brancos de tão louros, estão penteados com gel para parecerem desarrumados. Seu nome é Jonathan Puck. Sorri para ela, mascando um chiclete. Ergue a mão direita para cumprimentá-la; faltam o mindinho e o anular, substituídos por cotos de queloide cor creme que Miriam sabe serem iguais às das marcas de garras escondidas debaixo das roupas, sobretudo nas costas e no peito, como se ele estivesse coberto de vermes. Sabe disso porque foi ela quem as deixou.

– Se chegar mais perto, vai perder os outros dedos.

A mão dele se abaixa. Seu sorriso treme um pouco antes de se abrir mais.

– Que cheirinho de café. – Ele infla as narinas. – Não vai me oferecer uma xícara?

– Não.

– Eu adoraria um café. – Ele estoura uma bola de chiclete. – Por que não me deixa entrar, meu bem?

– Não. Já falei para me deixar em paz.

Ele dá de ombros.

– Como quiser. Sou que nem o advogado que aparece sem ser convidado. Vamos conversar aqui mesmo.

– Não sei o que você tem para dizer, mas eu não quero ouvir.

– Você tem assistido ao noticiário, não tem? Sabe o que a gente fez, não sabe?

Como se estivesse respondendo, o jornal na mesa da sala estala e voa, e uma das páginas é soprada de cima da mesa para o chão.

– Eu sei o que vocês fizeram – confirma Miriam.

A varanda coberta de sua casa se abre entre duas colunas de pinho para uma escadinha de pedra que desce até um caminho de seixos que termina no acesso de carros. Nesse caminho – ela não se espanta ao constatar, pois os dois quase nunca se separam – está um homem grande feito um animal, Morris Magog, de cerca de 2,10 metros e aparentemente metade disso de largura. Sob o emaranhado de cabelos ruivos compridos, longa barba ruiva e sobretudo de couro preto que o vento faz estalar à sua volta, veem-se apenas os olhos azuis vazios e as mãos imensas e curvas. Miriam só o ouviu falar em poucas ocasiões – em uma delas para pedir a Puck um pedaço de chiclete – e sua voz tem o som de uma rocha sendo arrastada.

– Você já teve seu tempo de luto e ficamos felizes por isso – diz Puck. – Com certeza ficamos felizes por você ter tido esse tempo. – Embora ele continue a sorrir, sua voz carrega uma ponta de severidade. – Mas esse tempo acabou. Porque nós temos planos. E viemos buscar você. Você agora precisa vir conosco. É isso e ponto final.

Ela sabia que esse dia iria chegar. Quando deixou o marido, foi embora das cavernas e abandonou a Resistência, sabia que eles só iriam lhe dar um tempo limitado. Naqueles últimos meses, vinha sentindo sua presença, espiando sempre a floresta e as janelas que, à noite, não lhe permitiam ver nada a não ser o próprio reflexo. Em várias ocasiões, havia encontrado sinais: uma pegada na lama sob a janela, um cheiro de cigarro na cabine da caminhonete destrancada. Eles queriam que Miriam soubesse que estava sendo vigiada.

– Eu não vou – afirma ela.

Os dois se entreolham e Puck faz uma bola cor-de-rosa que estoura com um silvo.

– Na verdade, você não tem escolha, sabia?

Ele lança um olhar atrás de si e, como se houvesse emitido um comando silencioso, Magog dá um passo à frente e inclina o corpanzil em direção ao chalé como quem se prepara para correr. Miriam ouve um bufo que poderia ser a respiração dele ou o vento.

– Não pode mais ficar escondida. Não em uma época como esta. A gente precisa de toda a ajuda possível. É o que diz o seu querido marido. Por isso eu estou aqui. Vim buscar você.

Ela escolhe esse instante para levar a mão às costas e pegar a Glock. Não para apontá-la. Só para mostrá-la.

Pela primeira vez desde que Miriam abriu a porta, Puck para de sorrir. Relanceia os olhos para a pistola e avisa:

– A gente vai voltar.

– Não precisam perder seu tempo.

A luz que atravessa as árvores desenha na varanda uma série de riscos amarelos. Puck está usando um relógio de ouro que a reflete no chão como um minúsculo besouro fosforescente.

– Ei, olha só – diz ele.

Gira o pulso e faz o besouro deslizar pelas tábuas da varanda e se imobilizar por um instante sobre o pé de Miriam antes de começar a subir pelo corpo até se fixar em seu olho. A pupila se contrai.

Ela ergue a Glock e olha cano abaixo com o outro olho.

– Para com isso.

Sabe como ele se move depressa, já viu seu corpo se movimentar como um borrão.

A luz refletida se afasta de seu corpo e deixa atrás de si uma imagem residual; por alguns instantes, Miriam vê Puck rodeado por uma aura vermelha. Ele mascara o chiclete devagar, estudando-a.

– Tudo bem. Tá bom. Você precisa de um tempo para pensar? Eu compreendo.

Talvez seu marido os tenha mandado até lá. Talvez eles tenham ido por iniciativa própria. Puck sempre a quis, sempre tentou torná-la sua – por isso tem o corpo coberto de cicatrizes. Seja qual for o motivo que os faz estar ali, sua base é o desejo masculino, não a obrigação dela para com a Resistência ou sua importância dentro do movimento.

– Isso para mim acabou, Puck. Acabou. E se você pisar nesta varanda outra vez eu vou dar um tiro na sua boca.

Ele recua, fazendo os pés deslizarem pela varanda e arranharem a madeira, e no alto dos degraus para e revira o chiclete na boca algumas vezes com a língua.

– Só vai acabar quando você estiver morta.

Mais tarde, Miriam amarra duas tornozeleiras nas pernas e enfia nelas um par de facas de combate idênticas, de lâmina serrilhada. Para cobri-las, puxa para baixo as pernas do jeans e calça botas de caubói com ponteiros de aço. Afivela e aperta o coldre de ombro da Glock e veste uma jaqueta jeans preta. Sai de casa e passa

cinco minutos esperando na varanda, à escuta; já não há mais vento e o silêncio sussurrante da floresta é interrompido pelo chamado ocasional de um pássaro ou por um graveto se partindo.

Ela desce os degraus, percorre o caminho fazendo estalar os seixos e dá a volta no carro, espiando pelas janelas e dando uma rápida conferida debaixo do capô antes de entrar na cabine, trancar as portas e girar a chave na ignição.

Seus olhos chispam entre os espelhos e a estrada durante o trajeto de meio quilômetro até um trecho esburacado de estrada rural de duas pistas que serpenteia montanha abaixo antes de ir dar em uma rodovia que conduz a La Pine, no Oregon. Durante o caminho, Miriam mantém o pé suspenso acima do pedal do freio e corre os olhos de um lado para o outro como se algo pudesse irromper da floresta para encurralá-la.

No mercado, enche o carrinho com legumes em conserva, frutas secas, charque, caixas e barrinhas de cereal; na farmácia, compra um pouco de gaze e antisséptico, agulha e linha e um exemplar da *Us Weekly*; na loja de ferragens, adquire uma furadeira elétrica, uma serra de mão elétrica, uma porta de aço, dez folhas de compensado, três tábuas de madeira, quatro luzes com sensor de presença, quatro lanternas, cinco pacotes de pilhas grandes, três caixas de parafusos de 10 centímetros e dois garrafões d'água com capacidade para 20 litros. Antes de sair da cidade, faz uma última parada no posto para comprar dois galões de 20 litros que enche de gasolina sem chumbo.

São necessárias várias viagens para descarregar a caminhonete, e ela para a fim de observar a floresta toda vez que deixa a casa. Um pouco afastado do acesso de carros, há um galpão aberto abarrotado com latões de lixo, ferramentas de jardim, um carrinho de mão e rolos enferrujados de arame. Miriam vai até lá e pega uma escada. O chalé tem o formato de uma caixa de sapatos, com a varanda e a porta situadas na lateral mais curta. Ela sobe a escada para instalar dois sensores de presença sob os beirais e centraliza os outros dois nas duas laterais mais compridas.

Abre a porta da frente e usa um martelo e uma chave de fenda para retirar os parafusos das dobradiças. É forte o suficiente para cambalear só de leve ao pegar a porta de madeira e deitá-la no chão da varanda para retirar a maçaneta, o trinco e as dobradiças, que aparafusa na porta de aço ainda com a etiqueta de preço. Meia hora depois, a nova porta está instalada; Miriam sabe que não é resistente o bastante para impedir Magog de entrar, mas ao menos vai atrapalhá-lo.

Dentro de casa, ela mede as janelas e anota as dimensões em um pedaço de papel que guarda no bolso. O chalé tem dez janelas, todas do mesmo tamanho, menos as do banheiro, da cozinha e da sala. Miriam deita todas as folhas de com-

pensado no quintal e usa a fita métrica e um marcador para esboçar o formato das janelas. Pega no barracão dois cavaletes cobertos de líquen que instala no quintal e apoia neles os compensados para aparar as bordas e depois abrir no meio de cada um deles uma fenda de 30 centímetros, grande o suficiente para permitir a visão ou para passar o cano de uma arma através dele.

Tudo isso leva muito tempo, pois ela só deixa a serra elétrica girar uns trinta segundos de cada vez, fazendo a lâmina cuspir serragem feito neve, e então tira o dedo do gatilho e fica ouvindo o gemido do aparelho diminuir enquanto perscruta a floresta.

Na lateral do chalé protegida do vento, há uma pilha alta de lenha, e é lá que Miriam descarta os restos de compensado antes de levar as folhas cortadas para dentro de casa. O crepúsculo já caiu e ela isola o que resta de luz pendurando-as em frente à janela, sustentando-as com um joelho erguido e aparafusando os quatro cantos ao caixilho. Na porta da frente, que é a única da casa, prega três tábuas de madeira atravessadas.

Enche os armários com as compras. Guarda os galões de gasolina no fundo do armário de vassouras. Põe pilhas nas lanternas e com elas percorre o interior do chalé. Não consegue colocar os garrafões d'água dentro da pia, então desatarraxa a mangueira da máquina de lavar roupa e a enfia nos gargalos, enchendo até a boca.

Mal sente o gosto do jantar – um frango ao molho pesto que sobrou da véspera – e quase não se lembra de ter comido, espantando-se ao ver que o garfo já arranha o prato vazio.

Forra a banheira com vários cobertores e um travesseiro, e ao lado pousa um facão de prata de 25 centímetros e cabo texturizado, duas Glockes, seis pentes carregados com balas dundum de prata, uma escopeta com a bandoleira decorada por cartuchos vermelhos recheados de chumbo grosso de prata, e por fim a imagem que mantém sempre ao lado da cama: a foto da filha, cujo rosto ela toca antes de apagar a luz, se deitar na banheira e encarar a escuridão, esperando o sono chegar.

CAPÍTULO 4

C hase não consegue se acostumar com aquilo. Já faz oito meses que iniciou seu primeiro mandato e, sempre que alguém lhe acena a cabeça e o chama de governador Williams, ele tem a sensação de que deve se virar para ver se algum sangue-azul formado em Yale está de pé a seu lado. Gosta de pensar em si

mesmo como um homem do campo. Sabe que foi isso que o fez ser eleito. “Ele é gente como a gente”, gostam de dizer seus aliados.

Até hoje usa roupas estilo caubói, mas em geral com um blazer da Calvin Klein. Ainda fala com sotaque, em especial ao microfone, em alguma coletiva de imprensa ou reunião da prefeitura. Apesar disso, já faz muito tempo que não limpa um estábulo, instala dutos de irrigação, conserta uma cerca ou dispara um tiro em qualquer coisa que não seja um alvo de papel. E Salém fica bem longe da fazenda no leste do Oregon onde foi criado, dos 1.200 hectares de alfafa, das seis mil cabeças de gado.

Bem longe, de fato. Nesse exato momento, Chase está sentado de pernas cruzadas no chão segurando hashis que bate um no outro com avidez acima de uma japonesa deitada sobre um tatame de palha, com o corpo nu decorado por um colorido mosaico de sushis dispostos sobre folhas de chá. Janta diretamente no seu corpo. Ela não se mexe – mal respira –, nem mesmo quando ele desliza os pauzinhos por sua clavícula até a base do pescoço onde está disposto um *gunkanzushi* – um ouriço-do-mar envolto em alga –, que ele pega e devora.

Ali é a Casa de Chá Kazumi, onde Chase com frequência almoça ou janta e que fica a apenas vinte minutos de carro do prédio do capitólio no sudeste de Salém, perto de Lancaster Drive. Luminárias de papel e velas iluminam suavemente o salão principal. Rolos com caracteres japoneses pendem das paredes, espaçados com regularidade e separados por vaso contendo bambus. Um lagunho *koi* retangular corre pelo centro do restaurante, reluzente de nenúfares, ladeado por dois homens que jantam sobre o corpo de uma mulher, desvendando aos poucos sua nudez.

– Governador Williams? – A voz vem de trás dele.

– O que foi?

Chase se vira e vê a garçonete, uma mulher de quimono preto com rosas cor-de-rosa bordadas na barra, fazendo-lhe uma medida e segurando uma bandeja sobre a qual está disposta a bomba de saquê que ele pediu, um incensador e um copo de Rogue Amber. A garçonete serve o saquê dentro da cerveja e entrega o recipiente a Chase, que faz um gesto de quem brinda, toma um grande gole e estala os lábios.

– Ah, que delícia. Está uma delícia, mesmo. Obrigado.

Ali perto, sobre um palco circular iluminado, uma japonesa grisalha de quimono azul-escuro está ajoelhada diante de um *koto* que tem a forma de um dragão agachado. Quando dedilhadas, as treze cordas trançadas esticadas sobre cavaletes de marfim fazem o ar vibrar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br